

**Antônio Torres: Eles matam cavalos, não matam?**

Jornal do Brasil - 10/12/2005

O fato não é novo, mas é recorrente e pode se repetir a qualquer momento. Aconteceu no dia 25 de outubro passado, e não teve muita repercussão. Só agora, que fui alertado pelo meu primo José Marcelo Torres Batista, que mora em Brasília, essa história tão triste me chama a atenção: um trabalhador morreu extenuado pelo excesso de trabalho, depois de cortar 25 toneladas de cana em uma lavoura próxima de Piracicaba, no interior de São Paulo. Nascido em Minas Gerais, chamava-se José Mário Alves Gomes. Ou "Timba" - em casa, entre amigos, e no eito. Ele tinha 47 anos. Socorrido por um ônibus e levado para a Usina Santa Helena, do Grupo Cosan, para quem o lavrador trabalhava, não resistiu.

A constatação de que essa morte deveu-se à estafa, "em consequência do pagamento por produtividade", é do procurador Aparício Querino Salomão, do Ministério do Trabalho. O mais grave: foi a décima primeira ocorrida nas mesmas condições desde o ano passado, conforme denúncia da Pastoral do Migrante de Guariba. Na grande maioria dos casos, o diagnóstico é de parada cardiorrespiratória. Os trabalhadores rurais não têm dúvidas de que é "birola", como chamam os sintomas que levam à morte por excesso de trabalho.

Resta saber que providências as autoridades competentes já tomaram para evitar que mais cortadores de cana venham a se matar de trabalhar, em função das metas de produção que se impõem, extrapolando os limites de suas próprias forças. A colheita é sazonal. Urge aproveitá-la para ganhar o máximo que puderem, nem que tenham que estourar as mãos no cabo da

foice ou perder a vida. Pergunta: esse sistema de pagamento por produtividade não será uma espécie de força? Em plena vilegiatura do Partido dos Trabalhadores, tais mortes chegam a parecer mais cruéis do que no tempo da escravidão, quando não havia leis trabalhistas, sindicatos, a Plataforma Brasileira Dhesc (Direitos Humanos, Econômicos, Sociais e Culturais), pastorais - e o sacrifício do escravo, no campo, na cidade, no tronco e no pelourinho, era uma norma institucionalizada.

Cruel também é saber que as ocorrências de hoje têm como cenário o estado de capitalismo mais avançado da federação. Foi São Paulo que gerou as condições para o surgimento da maior organização de trabalhadores de nossa história. O que vem ocorrendo em suas fazendas agora faz lembrar, por razões diferentes e desfechos semelhantes, os primórdios da colonização do país. No ano de 1549, um índio chamado Kairuçu, chefe da aldeia de Uruçumirim, no Rio de Janeiro, preado e escravizado por Brás Cubas, o fundador de Santos, acabou morrendo extenuado num engenho desse senhor. Foi a gota d'água para uma revolta sem precedentes naquela capitania. Aimberê, filho de Kairuçu, liderou uma fuga coletiva dos silvícolas em cativo, que tocaram fogo em todo o canavial do escravizador. O estopim serviu de chama para a criação da Confederação dos Tamoios, a organização dos nativos que fez a terra tremer, de São Vicente a Cabo Frio. De lembrança em lembrança, chegamos a George Orwell: 'Aquele que tem o controle do passado tem o do futuro. Aquele que tem o controle do presente tem o do passado'.

O triste fim do trabalhador José Mário teve um protesto. Um longo poema - O mundo coberto de cana, do brasiliense Alexandre Pilati. Uma amostra: '25 toneladas de cana/ pesam mais de 500 anos./ 25 toneladas de cana/ pesam 8 mil

quilômetros./ 25 toneladas de cana/ são compridas como a  
mentira./ 25 toneladas de cana/ significam quantos homens,  
José?''